

Mestrinho acusa grupos econômicos de pregar a intocabilidade amazônica

por Cláudio Kuck
de Manaus

O governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, encerrou palestra para a Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra na sexta-feira acusando grupos econômicos de países desenvolvidos, como os Estados Unidos e Alemanha, "de pregar a intocabilidade da Amazônia e denunciar sua destruição, para defender seus interesses e declarar depois sua soberania relativa". Em seguida, ele foi até a Base Aérea de Manaus para receber o chefe do governo alemão, Helmut Kohl, em visita até este domingo à região.

Mestrinho defendeu incentivos e financiamento para a pecuária e a agricultura nas áreas de várzea e campos limpos da Amazônia (70 milhões de hectares), a mineração em grande escala, a extração de madeira nobre para possibilitar a renovação da floresta, a silvicultura e a caça, "tudo dentro de um projeto de desenvolvimento sustentado".

O governador lembrou na palestra países que forçam o governo brasileiro a restringir o desenvolvimento da Amazônia, permitindo lucrar com a caça, "aliás não sei que diferença faz matar um boi ou uma galinha e uma onça ou jacaré". E acrescentou: "Na própria Alemanha no ano passado os caçadores mataram 870 mil veados e o país lucrou com a atividade através de taxas, impostos e outros itens duas vezes mais que o orçamento do Parlamento", ponderou.

Gilberto Mestrinho aproveitou a palestra aos alunos da Escola Superior de Guerra para dar um recado aos visitantes alemães, que vieram justamente ver de perto a realidade amazônica. Ele rebateu a tese de destruição, dizendo que em 500 anos de história foi desmatada apenas 8,5% da região, "com os desenvolvidos inventando a história de que as queimadas prejudicavam o clima do hemisfério norte e a camada de ozônio". O governador disse que o rastreamento por satélite não distingue fumaça da cerração natural existente na Amazônia.

Ele voltou a insistir na tese de que as potências com interesses minerais e os cartéis internacionais da madeira temem a competição de uma exploração racional da Amazônia e também a queda nos preços, pois só uma descoberta de cassiterita em Ariquemes (Rondônia) provocou o fechamento de 81 minas de multinacionais na Malásia". Aproveitou para criticar o projeto de demarcar 9,4 milhões de hectares contínuos para 3.470 yanomamis, "que terão uma reserva maior do que Portugal onde vivem 12 milhões de pessoas". Segundo ele, há interesses envolvidos as jazidas de ouro, cassi-

"Quero ver a Amazônia com meus próprios olhos"

por Cláudio Kuck
de Manaus

Neste final de semana amazônico, o chefe do governo alemão andou de iate pelo Rio Negro, deu passeio noturno vendo milhares de jacarés e dormiu no Arian Jungle Tower em plena floresta, cercado de macacos, pássaros e outros animais. Ele não permitiu a imprensa por perto, explicando apenas querer "ver e sentir a Amazônia com os próprios olhos, sem a frieza dos relatórios, dos estudos, das críticas".

Os assessores que acompanham Kohl reconhecem que essa etapa amazônica de sua viagem é muito importante. Eles explicam que o chanceler não esquece que a partir de janeiro presidirá o Grupo dos Sete (G-7) Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Canadá e Japão, que negocia projeto-piloto para as florestas tropicais brasileiras no valor de US\$ 1,5 bilhão. Helmut Kohl também se comprometeu a trazer ao Brasil para a ECO-92 todos os chefes de governo do G-7.

Por tudo isso, Kohl quer conhecer ao vivo a realidade amazônica. E ele trouxe seus dois principais assessores para Ecologia, Hans Peter Reppik, secretário-geral para Cooperação Econômica, e Schmidt Bauer, secretário-geral do Meio Ambiente. Reppik é também o presidente do Comitê Nacional alemão de preparação da ECO-92, enquanto Bauer redigiu o famoso relatório do Parlamento da Alemanha sobre florestas tropicais.

Kohl passeou floresta e rios, mas seus assessores mantiveram em pesquises importantes com pesquisadores amazônicos, autoridades, organizações não-governamentais e com o-

Chanceler com Arns e Fleury

por Nora Gonzalez
de São Paulo

O chanceler alemão Helmut Kohl chega domingo, dia 27, a São Paulo às 14h20 na Base Militar, proveniente de Manaus e, após ser recebido pelo governador Luiz Antônio Fleury Filho segue diretamente para o Hotel Maksoud Plaza.

O dirigente alemão encontra-se com o cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns às 16h45 mas o assunto da reunião não foi divulgado. Às 19h, Kohl profere palestra no Clube Transatlântico, a convite da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, onde se encontrará com diversos executivos de empresas alemãs no Brasil.

Na segunda-feira, o chanceler encerra a parte paulista de seu roteiro com um encontro no Palácio dos Bandeirantes com o governador Fleury e embarca para o Rio de Janeiro às 14h30.

terita, urânio e nióbio da região e pergunta: "Por que nenhum país se condô ou pede demarcação de terras para os índios que vivem onde não há minerais nobres?"

Mestrinho criticou o governo por ceder às pressões internacionais, "privando os cablocos amazônicos de caçar, pescar, plantar, enfim tudo é proibido agora".

O governador se propôs a mostrar, na conversa de 45 minutos com Helmut Kohl neste final de semana, que a Amazônia não está acabando e contribui para desmistificar os mitos envolvendo a região: "Garanto que no voo de Brasília para cá ele não viu nenhuma queimada na floresta". Mestrinho afirmou que não quer nem vai pedir nada à Alemanha, "pois como já dizia Thomas Jefferson, toda potência estrangeira que ajuda a outra acaba cobrando muito caro, pode custar a própria camisa".

Ele considera Kohl um turista em viagem pela Amazônia, mas gostaria que ele trouxesse capital de risco para a região, que investisse em projetos agrícolas e de criação de búfalos nas várzeas, que empresas alemãs participassem mais ativamente da mineração e desenvolvimento sustentado. E deu sua mensagem final: "O importante é que ele depois de ver a Amazônia com os próprios olhos, vai tirar da cabeça as informações distorcidas que tem recebido". Os mais de 60 jornalistas alemães que acompanham Kohl, logo depois de saber os conceitos de Mestrinho sobre a região, repassaram suas idéias a seus jornais e televisões.

presidente da Funai, Sidney Possuelo. A pedido do chefe do governo arranjaram um encontro dele com representantes indígenas, assessorando também Kohl na difícil conversa com Gilberto Mestrinho.

Ambos comentavam que Helmut Kohl ponderou que se governasse um estado pobre, em crise, com a população em dificuldade, fome e sem progresso, ele talvez também defendesse o desenvolvimento a qualquer custo, sem pensar no meio ambiente ou no futuro. Enfim, mostrou compreensão em relação ao polémico Mestrinho. Ao ser recebido por ele às 15 horas de sexta-feira disse: "Governador, vou querer saber como o senhor vê a Amazônia e seus planos para ela".

Depois foi para a selva, no Arian Jungle Tower ele viu a chamada "Casa do Tarzan" de 40 metros de altura e um mirante com vista para a várzea toda e as vitórias-régias. Lá, perto, o incrível arquipélago das Anavilhanas, com mais de mil ilhas.

Outra coisa é certa, Helmut Kohl foi muito bem informado antes desta sua viagem amazônica. Ele sabia que enquanto o governo federal toma uma posição radical em defesa do meio ambiente, os estados da região pensam diferente. Ele até recebeu bem o propósito de Mestrinho de não pedir nenhuma ajuda, pois a posição alemã é sempre repetida: só soltar dinheiro e financiar projetos definidos, exaustivamente estudados, sem qualquer conotação paternalista. Depois da etapa amazônica, que teve ainda visita à reserva Ducke do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia junto com José Luizzenberger, Kohl inicia neste domingo sua visita a São Paulo.